

PODER

Mesmo ainda sem previsão de alta, por causa da obstrução intestinal, presidente comemora a evolução positiva do quadro. Médico confirma que, “a princípio”, não é preciso operação

Bolsonaro: “Cirurgia está bastante afastada”

» AUGUSTO FERNANDES
» INGRID SOARES
» RENATO SOUZA

Internado no Hospital Vila Nova Star, em São Paulo, o presidente Jair Bolsonaro não tem previsão de alta, mas a equipe médica do chefe do Executivo descarta a necessidade de submetê-lo a cirurgia para reverter o quadro de obstrução intestinal. Segundo o cirurgião Antônio Luiz de Vasconcellos Macedo, que atende o mandatário desde a facada que ele recebeu em 2018, o sistema digestivo do presidente deu sinais de melhora de quarta-feira para ontem. Bolsonaro evoluiu “de forma satisfatória clínico e laboratorialmente”, de acordo com o médico, que deve seguir com um tratamento menos invasivo.

Bolsonaro teve de utilizar uma sonda gástrica, pois precisou manter uma dieta líquida, mas, com a evolução constatada ao longo do dia, o aparelho foi retirado ontem. Durante entrevista do presidente ao jornalista Sikêra Jr, Macedo explicou que o abdome do chefe do Executivo apresentou “bons barulhos”, o que é um indicativo de que o aparelho digestivo dele está voltando ao normal.

O médico reforçou que a obstrução intestinal que acometeu o chefe do Palácio do Planalto é consequência do ataque a faca ocorrido três anos atrás. Por conta do episódio, segundo Macedo, o abdome de Bolsonaro “é cheio de aderências”. Além disso, o cirurgião disse que o intestino do presidente continua envolvido por uma membrana decorrente de uma infecção que ele sofreu pela facada e das cirurgias que precisou fazer para conter as complicações do atentado.

De todo modo, Macedo comentou que a área obstruída do intestino “está mais permeável, palpável e absorvível”, o que é um bom indicativo para que Bolsonaro deixe de utilizar a sonda gástrica. “Mas a cirurgia, a princípio, está afastada, uma vez que o intestino começou

Reprodução/Redes Sociais



Bolsonaro, sem máscara, com uma paciente: quadro dele evolui de “forma satisfatória”, segundo boletim médico



A cirurgia, a princípio, está afastada, uma vez que o intestino começou a funcionar, e o abdome está mais flácido e mais funcionante”

Antônio Luiz Macedo, médico

a funcionar, e o abdome está mais flácido e mais funcionante”, completou o médico.

Bolsonaro respondeu a algumas perguntas feitas por Sikêra Jr e disse estar bem. “Essa obstrução é sempre um risco muito alto.

Mas, graças a Deus, hoje (ontem) evoluiu bastante esse quadro. Então, a chance de cirurgia está bastante afastada”, comentou.

Fotos

Mesmo debilitado, Bolsonaro caminhou pelos corredores do Vila Nova Star e conversou com outros pacientes internados. A primeira-dama, Michelle Bolsonaro, compartilhou nas redes sociais a imagem do presidente sorrindo ao lado de uma mulher. Na legenda, ela caracterizou o marido como “custoso demais”. O secretário da Cultura, Mario Frias, também postou a foto e escreveu que Bolsonaro é “o presidente mais amado da história deste país”.

Hoje, o chefe do Planalto cumpriria agenda em Manaus. Ele ficaria na capital amazonense ao longo do fim de semana, quando participaria de uma motociata promovida por apoiadores. Contudo, os compromissos acabaram cancelados. O presidente pe-

diu desculpas aos eleitores. “É um motivo além da minha vontade, mas vamos deixar para outra oportunidade, se Deus quiser.”

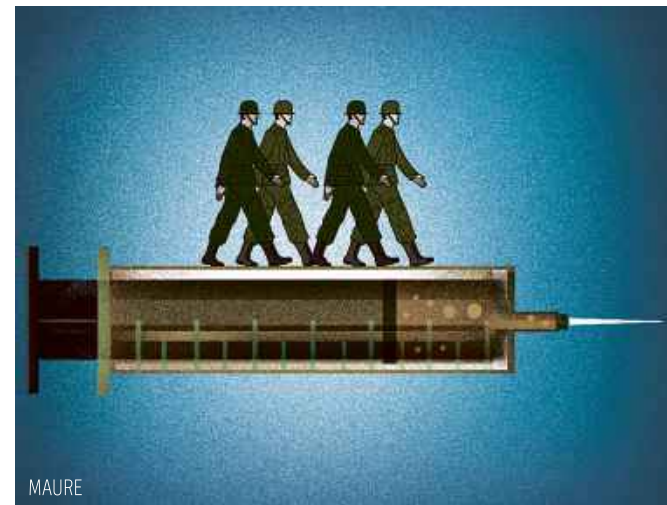
Mais cedo, nas redes sociais, Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ) agradeceu aos apoiadores pela solidariedade ao chefe do Planalto. “Presidente Jair Bolsonaro evoluiu para melhor, acordou bem-disposto e, a continuar assim, não precisará fazer cirurgia! Obrigado a todos pelas orações!”, escreveu.

O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) também usou as redes sociais para comentar sobre a saúde do pai. De acordo com ele, o presidente retirou cerca de 1 litro de líquido acumulado no organismo, o que “trouxe alívio”. “Há uma possibilidade de cirurgia, mas também há uma esperança de que essa dobra, essa aderência se desfaça naturalmente. Os médicos estão a todo momento avaliando se faz-se uma cirurgia ou se deixa mais um tempinho para ver se consegue resolver naturalmente”, escreveu o deputado.



Nas entrelinhas

por **Luiz Carlos Azedo**
luizazedo.df@dabr.com.br



A esquadra das vacinas

Uma esquadra é a menor fração existente numa unidade militar, geralmente formada por três soldados e um cabo, que comanda a mesma. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), quando disse que bastava um cabo e um soldado para fechar o Supremo Tribunal Federal (STF), foi até minimalista. Duas esquadras formam um grupo de combate, geralmente comandado por um sargento. Ontem, o representante comercial da Davati Medical Supply Cristiano Carvalho, em depoimento à CPI da Covid, revelou a participação de oito autoridades do Ministério da Saúde que teriam atuado para agilizar a negociação de vacinas com a Davati, sendo seis militares. Os senadores investigam a compra de vacinas da AstraZeneca e da Janssen.

Com sede nos Estados Unidos, a Davati ofereceu ao ministério lotes com milhões de vacinas da AstraZeneca e da Janssen. As negociações avançaram rapidamente, apesar de a Davati não ter apresentado comprovação da existência dos lotes. Tanto a AstraZeneca quanto a Janssen negaram saber do negócio. Cristiano Carvalho confirmou a acusação do policial militar de Minas Luiz Paulo Dominghetti, que também dizia representar a Davati, de que teria recebido do sargento reformado da Aeronáutica Roberto Ferreira Dias, ex-diretor de Logística do Ministério da Saúde, um pedido de propina no valor de US\$ 1 por dose para viabilizar a compra de 400 milhões de vacinas da AstraZeneca.

Pressionado por integrantes da CPI, Cristiano Carvalho disse que, em 12 de março, ele e Dominghetti participaram de reunião no Ministério da Saúde intermediada pelo reverendo Amilton Gomes, da Secretaria de Assuntos Humanitários (Senah, uma instituição privada) e pelo coronel Helcio Bruno, do Instituto Força Brasil, ambos muito ativos nas redes sociais. Teriam participado das conversas os coronéis Cleverson Boechat, à época diretor de Planejamento do Ministério da Saúde; Marcelo Pires, que ocupava a diretoria de Programas, e o então secretário-executivo do Ministério da Saúde, Elcio Franco, aquele que dava entrevistas com um broche de operações especiais (uma faca ensanguentada) na lapela.

Na segunda-feira seguinte, segundo Carvalho, o dono da Davati, Herman Cárdenas, propôs substituir as vacinas da AstraZeneca pelas da Janssen, em dose única e mais barata. Pressionado pela senadora Leila Barros (PSB-DF), Carvalho citou, também, o ex-assessor do Ministério da Saúde Marcelo Blanco, tenente-coronel do Exército reformado. Blanco e Helcio Bruno seriam os principais interessados na conclusão da compra. No depoimento, surgiu um novo personagem: Guilherme Filho Odilon, que seria um dos interessados no “comissionamento” da compra de 3 milhões de doses, no qual receberia 0,25 centavos de dólar por dose.

Tensões fardadas

O envolvimento de militares no escândalo das vacinas, que está sendo investigado pela CPI, tem estressado as relações com o ministro da Defesa, general Braga Netto, que está na iminência de ser convocado para depor sobre sua atuação como ministro da Casa Civil, quando coordenou as ações de governo contra a pandemia, tendo um papel decisivo na substituição do ex-ministro Henrique Mandetta na Saúde. Foi por indicação de Braga Netto que o general Eduardo Pazuello assumiu a secretaria-executiva da pasta na brevíssima gestão de Nelson Teich e, depois, virou ministro. Com o general Luiz Ramos, atual secretário-geral da Presidência, os três fazem parte do Estado-Maior do presidente Jair Bolsonaro, que dá ordem unida na Esplanada dos Ministérios.

A incompetência dos militares na gestão do Ministério da Saúde não pode mais ser varrida para debaixo do tapete, diante de tantas trapalhadas e do número de mortos por covid-19, cuja causa principal foram o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro e a disciplina de “burro operante” do general Pazuello. Isso é jogo jogado. O problema é que o caso das vacinas está desmoralizando os militares que atuavam na Saúde naquilo que é um dos pilares da carreira militar: a probidade. A repercussão disso na sociedade e nas Forças Armadas é muito grande. Ainda mais porque cresce na sociedade a rejeição à presença de militares em cargos de natureza civil, movimento liderado pelos ex-ministros da Defesa Nelson Jobim, Celso Amorim, Jaques Wagner, Aldo Rebelo e Raul Jungmann, e ganha força no Congresso a PEC que limita a presença de militares da ativa no governo, de autoria da deputada Perpétua Almeida (PCdoB-AC).

ELEIÇÕES

Campanha tenta turbinar Moro ao Planalto

Defensores do nome do ex-juiz e ex-ministro da Justiça Sérgio Moro para a disputa presidencial deflagraram um movimento político para tentar convencê-lo a disputar o Palácio do Planalto no próximo ano. A campanha, batizada de “Moro 2022 contra o sistema”, defende que o ele ocupe a faixa da terceira via, como alternativa ao presidente Jair Bolsonaro e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O movimento se intensificou com a presença de Moro no Brasil — hoje ele está morando e trabalhando nos Estados Unidos —, onde teve conversas com políticos que defendem sua candidatura.

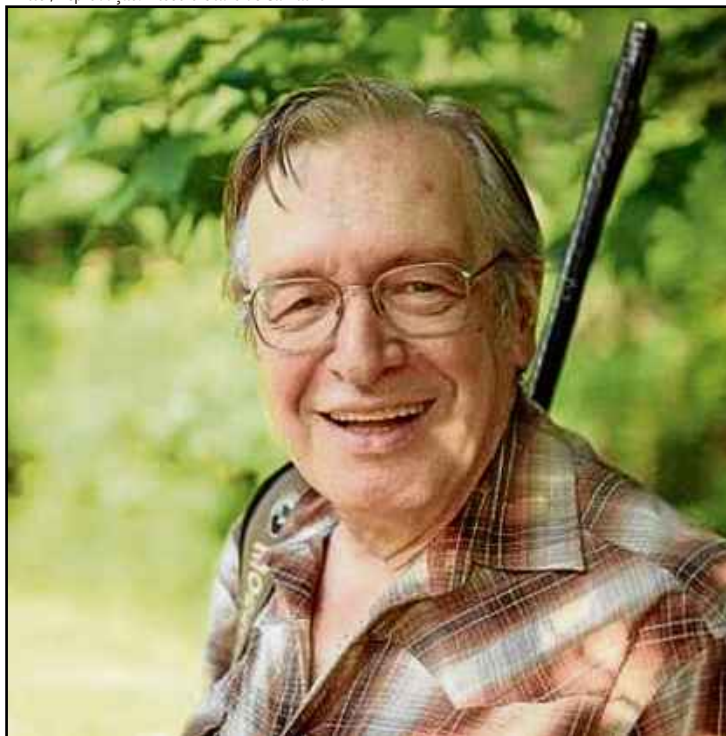
Para apoiadores, o ex-juiz da Operação Lava-Jato não definiu se está disposto a se lançar como candidato ao Planalto. Mas, segundo o senador Oriovisto Guimarães (Podemos-PR), ele não afastou a possibilidade de participar da disputa. O prazo para essa decisão seria em outubro. “Temos um diálogo excelente com Moro”, disse o parlamentar. “Ele já nos disse que, se resolver entrar na política, vai se filiar ao Podemos. Fizemos reuniões e estamos insistindo nisso com ele. Moro ainda não aceitou ser candidato a presidente, mas também não disse não”.

A mobilização pró-Moro já discute a organização de eventos para impulsionar seu nome, como jantares de empresários. Outros partidos também estão sendo contatados sobre um eventual projeto em torno da candidatura para garantir mus-

MP quer saber se Olavo furou fila de internação

A Promotoria de Justiça de Direitos Humanos do Ministério Público de São Paulo instaurou um inquérito para apurar se houve algum tipo de irregularidade na internação do escritor Olavo de Carvalho, 74 anos, no Instituto do Coração (InCor) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. A suspeita é de que ele tenha furado a fila de internações da instituição, onde está desde que sofreu um “mal-estar súbito” em um voo entre os Estados Unidos e o Brasil, no último dia 8. O boletim dizia ainda que Olavo chegou à unidade em uma ambulância UTI móvel. O escritor teria vindo ao Brasil para continuar um tratamento médico. Olavo permanece internado e “evolui consciente, comunicativo e com quadro clínico estável”, segundo o mais recente boletim médico.

Twitter/Reprodução. Filósofo Olavo de Carvalho



culatura política a uma possível campanha presidencial.

Dificuldades

Apesar do entusiasmo, a construção da candidatura de Moro não é tão simples. Depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) anulou as decisões que condenaram Lula e consideraram o ex-juiz parcial, houve inequívoca perda de capital político. Além disso, sua turbulenta passagem pelo governo Bolsonaro contribuiu

para enfraquecer seu nome como opção na terceira via.

Além disso, alguns daqueles que outrora apoiaram publicamente sua atuação à frente da Lava-Jato preferem uma candidatura com mais capilaridade para transitar longe dos extremos. Vários setores veem animadamente a possibilidade de o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), tomar o caminho do PSD do ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab — que, aliás, não nega que seja este seu “sonho de

consumo” eleitoral. Como trunfos para atrair o senador, conta com o ex-presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes.

Outro obstáculo para Moro é a reunião de 11 partidos em busca de um nome de centro, que reúne lendas de todos os matizes políticos. São as mesmas que fecharam questão contra a PEC do voto impresso e que têm resistências em embarcar num projeto e torno do ex-ministro da Justiça de Bolsonaro.